

VISÃO

ANGOLA O ADEUS REPETIDO

1975
O MEU REGRESSO
TEXTO INÉDITO
DE DULCE MARIA
CARDOSO

2015
OS NOVOS
RETORNADOS
DA CRISE
DO PETRÓLEO



IMPRESA
0.1168
516052481000383

FÉRIAS VISÃO
COM HISTÓRIA
ALLENTEJO E ALGARVE
5.º GUIA FÉRIAS COM HISTÓRIA

RELEVE ESTRELA
GRU
O MALDISPOSTO
DVD

GRÁTIS

ALLENTEJO E ALGARVE
5.º GUIA FÉRIAS COM HISTÓRIA

DVD
'GRU O MALDISPOSTO'
€5,95 (CONT.)



***Dulce Maria Cardoso**

Foi para Luanda com 6 meses e estava a dois dias de fazer 11 anos quando voltou à Metrópole, onde nascera, na ponte aérea de 1975. Inspirou-se nas memórias de África e nesse regresso sofrido para escrever *O Retorno*, publicado em 2011 e uma das mais aclamadas obras sobre a memória coletiva portuguesa

Sem destino Aguardava-se dias, em Luanda, por uma hipótese de voar ou navegar até Lisboa. Para a esmagadora maioria dos retornados, a chegada à Metrópole representava o alívio de se saber a salvo mas também o desalento de ter de recomeçar do zero uma vida nova

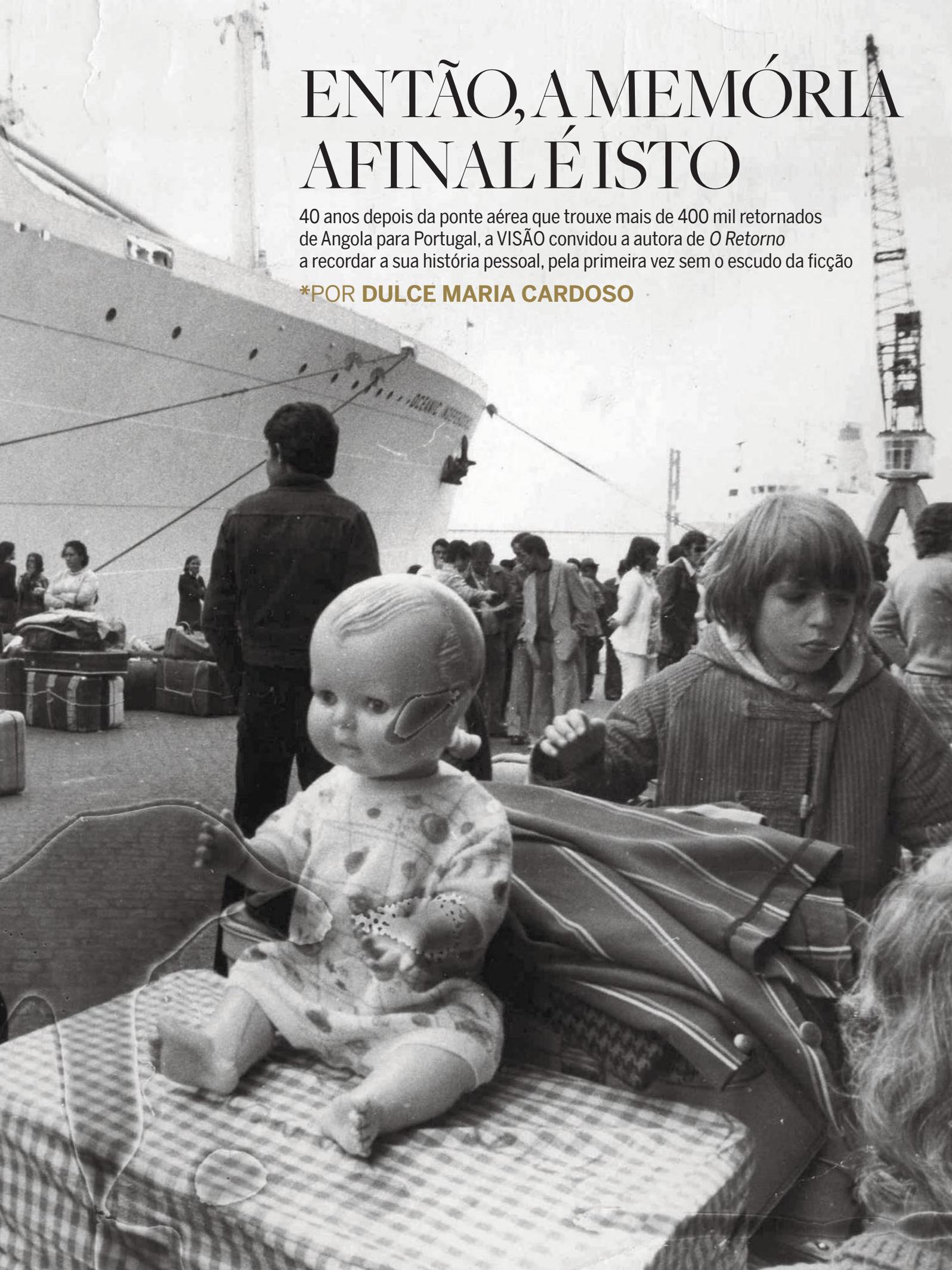
GLOBAL NOTÍCIAS/ANTÓNIO AGUIAR



ENTÃO, A MEMÓRIA AFINAL É ISTO

40 anos depois da ponte aérea que trouxe mais de 400 mil retornados de Angola para Portugal, a VISÃO convidou a autora de *O Retorno* a recordar a sua história pessoal, pela primeira vez sem o escudo da ficção

***POR DULCE MARIA CARDOSO**





Ainda o Império, ainda a descolonização, ainda a ponte aérea, ainda os retornados e ainda eu a falar de isto-tudo, quando isto-tudo se tornou tão diferente para mim por ter escrito um romance, *O Retorno*, e nele ter inventado outras memórias que agora existem tão ou mais em mim do que aquilo que vivi. A história do Rui, personagem principal do romance, está agora ao alcance de qualquer um, mas a minha continua secreta, pelo menos em parte, porque todas as vidas são secretas, muitas vezes, mesmo para quem as vive.

A estranha existência das memórias do Rui nos mesmos acontecimentos históricos e de forma tão mais partilhável do que as minhas tem vindo a sobrepor-se-me. Podia pensar que o Rui também sou eu ou que o Rui sou eu. É verdade uma coisa e outra e não é verdade nem uma coisa nem outra. Mas é indubitável que a minha memória também se constrói dos outros e com os outros, os outros dão-nos mais existência, dão mais existência ao que nos acontece. O que existe só em nós está quase sempre condenado ao esquecimento. Ou à ilusão.

Não esquecerás. Na noite em que saí de Luanda, uma noite do início do mês de Julho de 1975, penso que terá sido a sétima ou oitava, obriguei-me a uma luta que havia de moldar-me a existência. Ou então já era um destino e apenas o cumpro. Na minha vida, muitas vezes não sei o que é vontade ou é obediência. Obriguei-me a não esquecer nada do que vivi em Luanda, coisas fáceis de não esquecer como as casas onde morei, as ruas dos bairros, a terra vermelha, o embondeiro do pátio da escola, o cheiro das mangas apodrecidas no chão do quintal, mas também o que parece impossível de ser lembrado, o zumbido da ventoinha durante a sesta, o sorriso da São quando namorava à janela, a alegria do sr. Luís a regar a pitangueira ao fim da tarde. Não esquecerás nada do que viste e ouviste nos teus dez primeiros anos de vida, em Luanda. Decidi ou já estava assim determinado.

Não terei esquecido muito, ou esqueci e compensei com a imaginação, mas sempre acreditei aqueles anos da minha vida intactos dentro da enganadora galáxia que o passado é em cada um de nós. O passado existe sempre mais longe e mais inacessível do que qualquer lugar. E a infância é um continente perdido, mesmo quando não se perde um país, como foi o meu caso.

Portanto, em Luanda, as ruas não eram todas a perder de vista

“



Dias felizes Dulce Maria Cardoso tem memórias vívidas da infância em Luanda, onde passava horas a saltar à corda na rua (em cima). Ao lado, Dulce em Luanda com a irmã Carolina, a mãe Luísa e o pai José. Era a mais pequenina da família, a quem o pai chamou Bebê até ao dia em que vieram para Portugal, quando começou a tratá-la por Dulce. «A minha infância acabou naquele momento», conta

e o mistério da noite a cair tão abruptamente não era magia, era apenas a proximidade com a linha do Equador a comandar a rapidez com que um dia se fazia noite ou uma noite se fazia dia. O amarelo e o vermelho não eram mais garridos e a chuva não era sempre diluviana. Os frutos não eram todos saborosos nem o mar sempre calmo. Portanto, em Luanda, a vida não era sempre boa e isso não se devia ao que se julgava o natural desentendimento entre brancos e negros, ao Salazar cujo retrato estava pendurado em todas as salas de aula, aos soldados portugueses que por lá andavam como quem anda num purgatório. A vida em Luanda não era sempre boa porque a vida tem sempre cansaços, doenças, desamores, inimizades, frustrações, desenganos,

OBRIGUEI-ME A NÃO ESQUECER NADA DO QUE VIVI EM LUANDA, COMO AS CASAS ONDE MOREI, AS RUAS DOS BAIRROS, A TERRA VERMELHA, O EMBONDEIRO NO PÁTIO DA ESCOLA, O CHEIRO DAS MANGAS APODRECIDAS NO CHÃO DO QUINTAL

chatices atrás de chatices. A vida em Luanda não era sempre boa mas, de repente, começou a guerra. Ou terá havido sempre guerra, mas acreditava-se que o Império estava destinado a ganhar e não se falava disso. Depois, quando se perdeu guerra e Império, parece que já não havia muito a dizer.

SOU CAPAZ DE JURAR QUE NUNCA TEREI OUIDO GUERRA EM LUANDA. Quando os adultos queriam falar na guerra referiam-se a isto porque tudo o que se nomeia tem consequências. Os adultos diziam, a vida era tão diferente antes de isto acontecer, ou, era inevitável que isto acontecesse. Isto podia ser a revolta dos turras em 61, a revolução na Metrópole, a chegada a Luanda dos movimentos independentistas, MPLA, FNLA e UNITA, os tiros, as vidas alteradas como se um gigante tivesse posto tudo fora do sítio, até a esperança. A esperança estava tão fora do sítio que muitos acreditavam que tudo acabaria bem.

Terá sido por esta altura que comecei a reparar na omissão de palavras nas conversas dos adultos, guerra, mortos, independência, descolonização, e na novidade de outras, comunismo, recolher obrigatório, racionamento, contentores e ir-embora. Todos iríamos-embora ainda que o ir-embora nas conversas não parecesse dramático mas tão-somente o fim de uma brincadeira. A linguagem, tal como a memória, embeleza e desfeia a realidade, cria outras realidades, mas raramente descreve o que realmente se passou. Não esquecerás que houve uma guerra. É fácil não esquecer, convive-se pacificamente com uma abstracção, o mal abstracto pouco incomoda. Não esquecerás os que foram mortos nessa guerra. Os mortos assim ditos ainda são parte da abstracção indolor da guerra. Quem, tendo possibilidade, não descalça o sapato para tirar a pedra? Quem quer continuar a caminhar até fazer ferida? Não esquecerás os teus conhecidos e amigos mortos na guerra, já é mais difícil de cumprir. Não esquecerás o Zé Manuel e o Hélder que foram mortos em Luanda em 1975, ao que se julga por soldados da FNLA. Os assassinos podiam pertencer a outro movimento de libertação, podiam ser soldados portugueses, podiam ser civis, as guerras tornam tudo num jogo de sorte e de azar, num acaso. O Zé Manuel e o Hélder foram mortos porque, ao terem desrespeitado o recolher

► obrigatório, caíram na cobiça dos que lhes quiseram roubar o carro, um carro velho. Quem mata dois jovens na flor da idade para roubar um carro, ainda por cima um carro velho?, perguntavam-se os vizinhos. Monstros, só monstros poderiam ser capazes de tal crueldade. E se o carro não fosse velho? Não queria pensar mas não conseguia não pensar que, se o carro fosse novo e bonito como o Audi do meu tio Augusto, talvez a morte do Zé Manuel e do Hélder fosse mais compreensível. Mas os que os tinham assassinado nunca poderiam deixar de ser monstros.

Era tão doloroso não esquecer o Zé Manuel e o Hélder, que os esqueci assim que pude. Não me lembro das caras deles, de como se riam comigo, de como dançavam, da forma que falavam, dos seus sonhos ou medos. Talvez o primeiro passo nesse caminho para o esquecimento tenha sido transformar a morte deles na medida que graduava o horror da guerra em Luanda. Bastava dizer que dois amigos meus tinham sido assassinados para todos perceberem que eu vivera numa guerra a sério. E tenho quase a certeza que, para mim, o Zé Manuel e o Hélder se tornariam apenas nessa medida do horror da guerra se não

fossem irmãos do Rui, o primeiro rapaz com quem dancei slows, os meus dez anos e os treze dele a tropeçarem uns nos outros, nas festas, ao lado dos pares mais velhos, como se estivéssemos a inventar a felicidade.

NOS PRIMEIROS ANOS DA METRÓPOLE, ia perguntando aos ex-vizinhos que encontrava nas filas da Caritas e da Cruz Vermelha ou noutros ajuntamentos de retornados se sabiam do Rui, cujos dois irmãos constaram da lista dos desaparecidos. O Rui-que-dançava-comigo só era conhecido por um pequeno grupo de pessoas, mas todos sabiam quem era o Rui-a-quem-assassinaram-dois-irmãos. De facto, muitos tinham ouvido falar no caso e poucos eram os que não tinham informações sobre eles. Os irmãos tinham acabado por aparecer e toda a família tinha ido para a África do Sul. O Rui estava em Luanda à espera dos irmãos. A mãe do Rui tinha-se suicidado na véspera de embarcar. O Rui estava no Barreiro. No Minho. No Algarve. As informações eram tantas e tão contraditórias e eu tão pequena e incapaz, que nunca encontrei o Rui.

A maior operação de sempre

A missão mais complexa de repatriamento alguma vez realizada pelo Estado português começou num 13 de maio e atingiu o seu auge nos meses de agosto e setembro. Milhares de portugueses perceberam então que já nenhum milagre lhes permitiria permanecer em África

Lisboa – Luanda

Transporte aéreo

1.º voo a 13/5/1975
Último voo a 3/11/1975

905 voos

407 709 passageiros**

Transporte marítimo

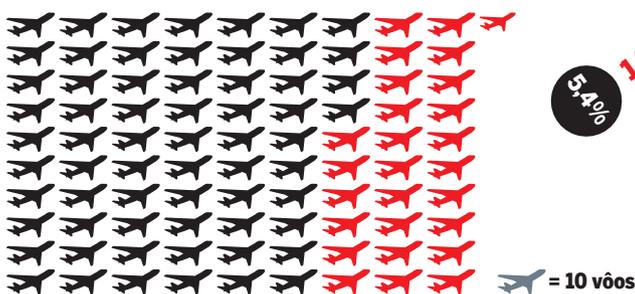
Entre 13/7/1975
e 9/7/1975

27 navios

Com mais de 100 mil pessoas

640 voos foram garantidos pelo governo português

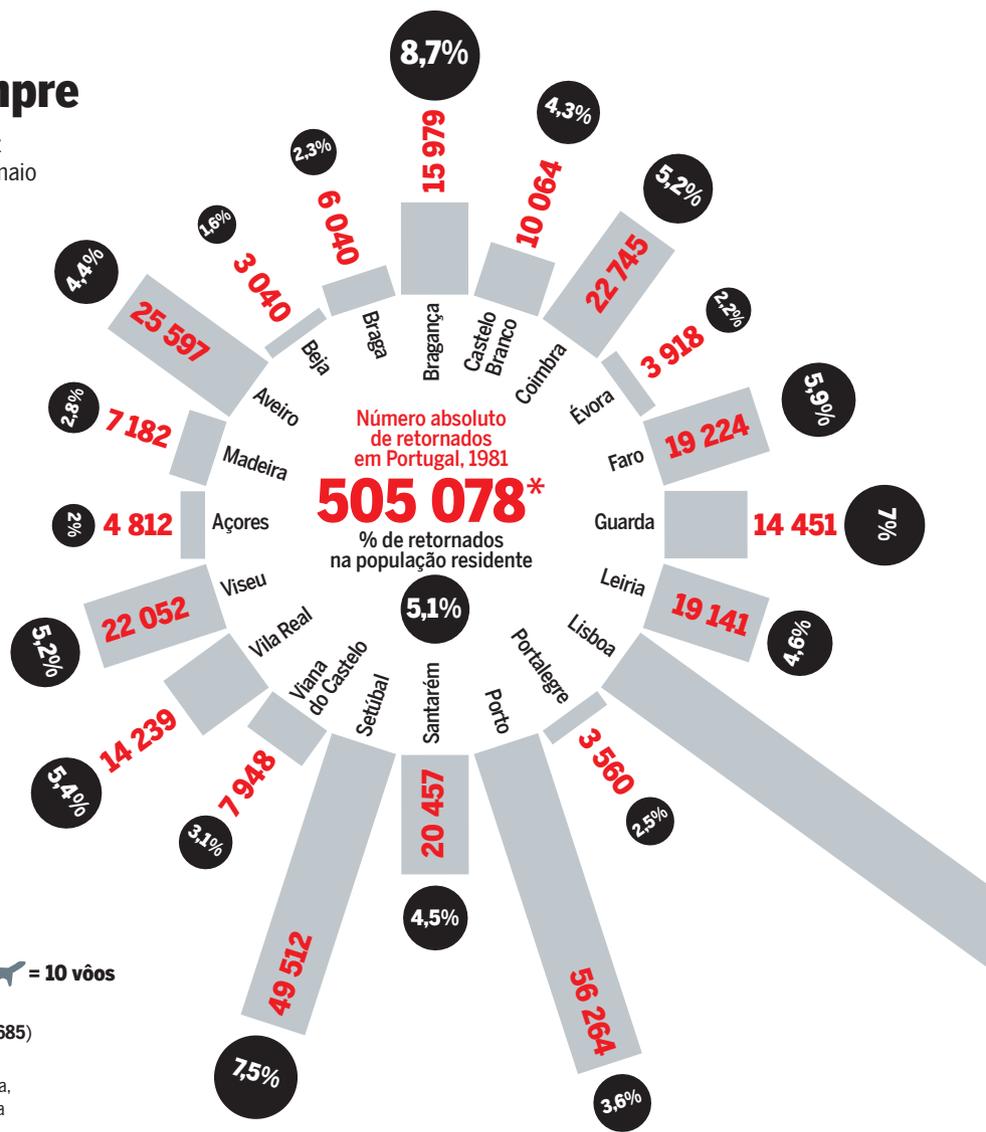
Os restantes 265*** foram oferecidos por governos estrangeiros



* Inclui retornados portugueses (471 427), nacionais dos PALOP (28 685) e outros estrangeiros (4 966)

** Em abril de 1976 foram recebidos mais 11 mil portugueses de Angola, transportados em miniponte aérea com origem em Windhoek, Namíbia

*** 124 voos foram oferecidos pelos EUA e 30 pela Ex-URSS



“

FALO SOBRE ISSO PORQUE ME ACONTECEU. COMO ACONTECEU TER DANÇADO COM O RUI, COMO ACONTECEU TAMBÉM O RUI TER DOIS IRMÃOS ASSASSINADOS

Vidas empacotadas Ao fugirem de Luanda, os portugueses enfiaram os seus pertences em caixotes de madeira improvisados. Milhares nunca foram reclamados, enchendo durante anos vários armazéns do Porto de Lisboa



Não esquecerás que o tempo tudo desvanece. Deixei de procurar o Rui e passaram 36 anos sem que eu tivesse sabido o que realmente lhe aconteceu. Decidi, no entanto, que a personagem principal do romance em que falasse da descolonização, da ponte aérea, da vinda e dos retornados, seria um rapaz e chamar-se-ia Rui. Não por ter dançado os primeiros slows com o Rui, mas por ter usado muitas vezes o sofrimento do Rui para aliviar o meu. Era horrível viver sem dinheiro e sem nada na Metrópole, mas a minha irmã não tinha morrido, ninguém da minha família tinha morrido. O sofrimento dos outros alivia o nosso. Fazemos tudo por comparação. Até sofrer. Bastante mais tarde, já a meio da escrita do romance, percebi que a escolha do nome tinha sido acertada por outras razões. Rui também é o imperativo do verbo ruir. Não esquecerás que viste um Império de cinco séculos ruir. Desfizemo-nos do Império como quem se desfaz de uma camisa

LUSA/ALFREDO GUNHA

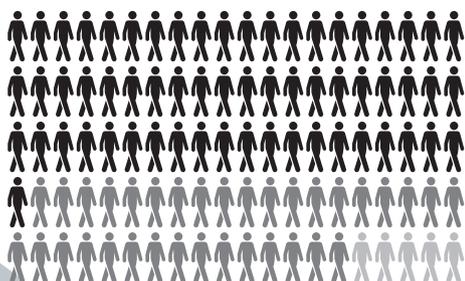
velha, disse-me há poucos anos o Professor Eduardo Lourenço. Tem a obrigação de falar sobre isso, acrescentou.

FALAR SOBRE ISSO. O ROMANCE QUE ESCREVI NÃO FOI PARA FALAR SOBRE ISSO, sobre um povo órfão do Império, sobre o que aconteceu a esse povo. Falo sobre isso porque isso me aconteceu. De que mais podemos falar senão do que nos acontece, sejam coisas em que todo o nosso corpo participa e que os outros podem testemunhar sejam coisas em que só a nossa cabeça participa e de que somos nós as únicas testemunhas? Falo sobre isso porque me aconteceu. Como aconteceu também ter dançado com o Rui, como aconteceu também o Rui ter dois irmãos assassinados. E, no romance, nem uma linha sobre isso. Porque o Rui que inventei foi uma maneira de refazer o passado. O passado não é intocável. Não podemos regressar-lhe mas podemos alterar a memória que temos dele. E foi assim que tornei o meu passado outro. Já não consigo lembrar-me de mim em Luanda, em 1975, sem me lembrar do Rui que criei, e do Mário, o pai do Rui, que foi preso, da Glória, a mãe tão instável, da Milucha, a irmã vingativa, porque todos os adolescentes tristes são vingativos, e da



De onde vieram

471 427 retornados portugueses



Angola
61%
Moçambique
34%
Guiné + Timor +
+ Cabo Verde +
+ São Tomé e Príncipe
5%

FONTES A integração dos «retornados» no interior de Portugal: o caso do distrito da Guarda, Nelson Oliveira, Instituto Politécnico da Guarda; Da Ponte Aérea à Cooperação, tenente-general António Gonçalves Ribeiro, Ministério da Defesa Nacional; Arquivos do IARN - Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais; Censos 1981; Migrações e Integração, Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa, Rui Pena Pires

INFOGRAFIA AR/PATRICIA FONSECA/VÍASO

166 872

8,1%

- ▶ Pirata que não parou de correr atrás do carro que a abandonava levando o Rui, a mãe e a irmã para a Metrópole.

O meu pai nunca foi preso, a minha mãe não queria conhecer o coração da terra, os desentendimentos com a minha irmã não aconteciam por eu não saber como as raparigas pensam, não tive uma cadela que ficou lá para trás até não ser mais do que um pontinho branco, mas tenho falado tanto desta gente com tantas pessoas que eles parecem-me já mais reais do que eu e do que os meus. Penso mais no prometido encontro do Rui com os amigos, o Gegé e o Lee, na Sears Tower, do que no meu encontro com amigos cujos nomes vou esquecendo um a um. Sei mais sobre o hotel onde o Rui esteve do que sobre o hotel onde eu estive. No meu hotel terão existido histórias de amor como a da Silvana e do Rui, plenários como os que o Pacaça liderava, traições como a que foi feita ao porteiro Queine, só que no meu hotel tudo aconteceu para ser esquecido.

Há uns anos disse que o escritor tem o dever de tentar criar ficções o mais reais possíveis, tão assustadoramente reais que o mais louco dos homens possa dizer, tudo o que não vivi, li. Também eu, tudo o que não vivi, li. Ou, então, escrevi. Depois de tudo passado, as vidas que se vivem vivendo não são muito diferentes das que se vivem lendo. Ou das que se vivem escrevendo.

Não escreverás o que te aconteceu em Luanda e no regresso de Luanda, mas inventarás o que faça com que os outros saibam o que te aconteceu em Luanda e no regresso de Luanda. Não terás medo de te afastar da verdade porque a maneira mais rigorosa de contar a verdade é inventar a melhor mentira.

POR FALAR EM MENTIRAS. À MINHA MEMÓRIA CONSTRÓI-SE DE MENTIRAS. O mito de um Império, que ia do Minho a Timor, e da Metrópole, essa casa-mãe longínqua onde havia cerejas. Portugal não era um país pequeno, os hinos que eu cantava aos sábados de manhã na escola não louvavam a Metrópole pobre onde eu tinha nascido. Nada existiu como me fizeram acreditar que existia. O Império existiu sem esplendor, a Metrópole sem grandeza e as colónias sem futuro. Mas é verdade que se deu o acaso de a minha história se ter cruzado com outra História. É verdade que o fim do Império coincidiu com o fim da minha infância. E que a partir desse momento nunca mais acabaram as perguntas. Que eu me fiz ou que os outros me fizeram, tanto faz, desde que a dúvida se instale.

Retornada ou refugiada?, portuguesa ou angolana?, europeia ou africana?, vingativa ou reconciliadora?, testemunha ou cúmplice?, colonialista ou independentista?, vítima ou agressora?, quanto mais honestamente tento responder a estas perguntas menos sei como o fazer. Também porque quase nada na vida é binário.

Dulce ou Bebé? Como se pode contar o fim da infância, se esse fim não tem a grandeza dramática de um acontecimento como o fim do Império?

O meu pai, ao contrário do Mário, o pai do Rui, não foi preso mas só veio para Portugal em Novembro de 1975, poucos dias antes da Independência de Angola. Em Luanda, o meu pai nunca me chamava Dulce. A não ser que estivesse zangado comigo. Sou a mais nova da família e para o meu pai eu era a Bebé. Era por esse nome que eu lhe respondia. Respondia por outros nomes a outras pessoas, Dulcinha, Merinho, Cambuta, Brasa, Cuca, Bandeirolas, mas nenhum era tão estruturante para mim como Bebé, a única maneira que eu existia para o meu pai.



Recomeçar O IARN (Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais) ajudou muitas pessoas, mas foi odiado por outras tantas. Em 1976, foi substituído pela Comissão para os Desalojados, para meter na gaveta o termo «retornados»

Nunca esperei tão ansiosamente por nada como esperei pelo regresso do meu pai para junto de mim, na Metrópole. Tinha saudades dele mas acima de tudo sentia-me desprotegida. O mundo tornara-se cruel e eu associava essa crueldade à ausência do meu pai. Vista da pobre aldeia transmontana, Fonte Longa, onde eu passei a morar com os avós maternos que acabara de conhecer e que, sem fazerem caso da lógica a que qualquer história de reencontro se obriga, estavam ambos moribundos, a vida em Luanda era um paraíso cada vez mais feliz. Em Trás-os-Montes, eu estaria protegida dos tumultos de 1975, foi essa a justificação que a minha mãe deu para me deixar lá e partir para Lisboa com a minha irmã. Sei agora que o motivo era falta de dinheiro, mas para a criança de onze anos que eu era o motivo não podia ser o dinheiro, os pais tinham de ter sempre dinheiro para o que os filhos precisam porque os filhos precisam de pouco, não são como os adultos que precisam de tanta coisa.

Até que numa manhã fria de Novembro, sem eu saber como, o meu pai apareceu no adro da Fonte Longa. Tal e qual como eu tantas vezes imaginara. Estava moreno como sempre o conhecera, não era ainda como as caras pálidas da Metrópole, e conduzia o Mazda que ficou estacionado junto à fonte. Não fosse o frio e um pouco de nevoeiro e juraria que o meu pai tinha acabado de chegar

“

NADA EXISTIU COMO ME FIZERAM ACREDITAR QUE EXISTIA. O IMPÉRIO SAIU SEM ESPLENDOR, A METRÓPOLE SEM GRANDEZA E AS COLÓNIAS SEM FUTURO

do trabalho, em Luanda. Ainda o mesmo corpo. Ainda o mesmo andar para mim. O carro estava amachucado mas era o carro que nos levava a passear à barra do Cuanza e a comer baleizões. O meu pai talvez tivesse os olhos mais baços mas podia ser do nevoeiro. As costas talvez estivessem um pouco curvadas mas podia ser do frio. De resto, era igualzinho ao pai de que me lembrava.

Até que me chamou Dulce.

POUCAS COISAS TIVERAM MAIS CONSEQUÊNCIAS NA MINHA VIDA do que o simples facto de o meu pai ter-me mudado o nome sem que eu tivesse compreendido porquê. Chamando-me Dulce, em vez de Bebé, eu passei a ser outra e o meu pai passou a ser outro. Porque nada se nomeia ou desnomeia sem consequências, sejam cidades, Lourenço Marques ou Maputo, pontes, Salazar ou 25 de Abril, ou pessoas. Um nome é a primeira coisa que nos dão quando tudo começa e a primeira coisa que nos tiram quando tudo acaba. Um nome, neste caso Bebé, estabelecia uma aliança entre mim e o meu pai, uma aliança entre o que eu era e aquilo que o meu pai queria que eu fosse. Quando mudou o nome por que me chamava, o meu pai deixou de querer que fosse a Bebé a responder-lhe. E eu não sabia quem havia de responder-lhe. Não sabia como responder-lhe. Eu era ainda a Bebé.

Não sei se toda a gente consegue identificar o momento exacto em que a infância acaba. Eu consigo. Eu sei que a minha infância acabou naquele momento, no adro da Fonte Longa, quando passei a responder ao meu pai por Dulce.

Anos mais tarde, muitos, perguntei ao meu pai a razão de me ter mudado o nome no dia da sua chegada. Disse que não se

lembrava de o ter feito, mas acabou por confessar que me tinha visto tão crescida que Bebé já não lhe parecia adequado, sentia-se até ridículo a pronunciar-lo. Pronunciá-lo ali, naquele lugar, naquele tempo. E não havia maneira de voltar ao lugar e ao tempo da Bebé. Ainda falei da tia do Roberto, uma velha a que todos chamavam Bebé, mas o meu pai mudou de assunto, aquilo não era importante, um nome não podia ser uma coisa importante.

Nunca lhe contei o que a mudança do nome tinha significado para mim, como me senti defraudada na espera de um pai que se revelou outro, e como tive a certeza de que a minha vida nunca mais seria a mesma, como tive a certeza de que a partir dali seria moldada pelo desconhecido e pelo incerto, pelo que trará outros nomes. Ou não. A partir dali soube que não podia contar com o passado. Mas também não sabia como contar com o futuro. A partir dali, eu estava sozinha. No frágil presente. ▣



DRA. CONCEIÇÃO TELHADO,
5012
PARTOS
DEPOIS



cuf

70 ANOS
DE
SAÚDE
1945-2015